

FLORESCER À MARGEM: CORPOS (IN)VISÍVEIS E NARRATIVAS DISSIDENTES NA SÉRIE “*MANHÃS DE SETEMBRO*”

Clodoaldo Ferreira Fernandes da Silva¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – O PRIMEIRO RASTRO DE LUZ NA MARGEM...

Nas manhãs de setembro, entendidas aqui como o momento inaugural de uma escuta atenta às narrativas de mulheres travestis, vislumbramos a tensão entre visibilidade e exclusão social. Este trabalho lança luz sobre vozes historicamente silenciadas, questionando construções identitárias e relações sociais que persistem em moldes hegemônicos e excludentes. A partir de uma tessitura crítica que subverte gramáticas de gênero e discursos normativos, investigamos a série “Manhãs de Setembro” para revelar como ela constrói transnarrativas interseccionais de classe, raça, sexualidade e gênero, pois a fragmentação dessas categorias invisibiliza grupos subalternizados (Lugones, 2008).

Nosso objetivo é compreender de que modo as experiências de vida da personagem Cassandra articulam, simultaneamente, mecanismos de marginalização e estratégias de resistência frente a discursos hegemônicos. Essa pergunta nos leva a enxergar a linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como força produtora de subjetividades, capaz de legitimar ou deslegitimar existências. No campo discursivo do “centro” – lugar simbólico da norma universal –, tudo que foge ao modelo dominante é construído como desvio, produzindo sujeitos excluídos da dignidade social (Foucault, 2001).

Ancoramos esta investigação na perspectiva da interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Lugones, 2008) e em epistemes decoloniais que propõem uma escuta insurgente das margens. Metodologicamente, adotamos a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001) para compreender como práticas linguísticas mantêm e reproduzem relações de poder, hierarquizando identidades periféricas (Moita Lopes, 2003).

Por fim, valorizamos saberes emergentes do Cerrado goiano, as “cerradeiras” (Engelmann, 2025; Rêgo, 2021), cujas contribuições enriquecem nossa leitura crítica e afirmam a potência política de vozes antes silenciadas.

¹ Docente no Curso de Letras na Universidade Estadual de Goiás- UEG – Campus Sul – Sede Morrinhos. Pós-doutorando em Letras e Línguística na Universidade Federal de Goiás - UFG, clodoalhoffernandes.silva@ueg.br.

Discutir identidades *queer* exige reconhecer a linguagem como produtora de sentidos e realidades. Fairclough (2001) mostra que, ao gerar significados, a linguagem impõe modelos de mundo reproduzidos por práticas sociais, moldando percepções e ações cotidianas. Moita Lopes (2003) alerta que a dissidência rompe “valores de verdade”, abrindo espaço para questionar corpos e classes marginalizados. Ainda nesse sentido, Foucault (2001) ressalta que as verdades se legitimam em sistemas de poder; a verdade desse “Cistema” é construída para naturalizar o sujeito cisgênero, branco e heterossexual como norma, subalternizando existências divergentes.

Adotamos o termo “Cistema” – fusão de “cisgênero” e “sistema” – para nomear esse regime discursivo opressor. Silva (2021) explica que o “Cistema” regula subjetividades ciscentradas, perpetuando desigualdades, enquanto Quijano (2005) o inscreve na colonialidade do poder e Segato (2016) denuncia sua face patriarcal, responsável por violências simbólicas e materiais contra corpos dissidentes. Controlar, aqui, significa padronizar diferenças, patologizar multiplicidades e silenciar vozes à margem da norma.

Como aponta Fairclough (1989), o discurso reflete contextos culturais e modela corpos, sexualidades e identidades. Essas discursividades revelam os valores que sustentam exclusões históricas contra quem foge à cis-hetero-normatividade. Este estudo compromete-se a tensionar tais normatividades, visibilizando vozes subalternizadas que produzem novas formas de existir e resistir, e incorpora a perspectiva interseccional de gênero de Lugones (2008), que destaca a colonialidade de gênero como vetor de subalternização de corpos negros e outros grupos marginalizados.

Para Lugones (2008), a fragmentação de categorias interdependentes (raça, gênero, classe, sexualidade) é herança do sistema moderno-colonial que moldou as ciências sob a lógica do capitalismo global, impondo paradigmas normativos ao conhecimento. Essa abordagem interseccional, fundamentada também em Crenshaw (2002), mostra que as experiências trans não podem ser dissociadas de múltiplas opressões. Isso é ilustrado por Cassandra, protagonista de “Manhãs de Setembro”, cuja condição de moto *girl* negra e periférica difere da de uma travesti branca de maior escolaridade e renda.

Assim, nesse arranjo opressor da norma, dispositivos discursivos e institucionais naturalizam a cis-heteronormatividade, patologizam dissidências e transformam sujeitos em objetos de correção (Foucault, 2001). Carvalho (2023) revela como essas normatividades produzem violências simbólicas e materiais interseccionais contra LGBTQIAPN+, evidenciando a urgência de perspectivas decoloniais e interseccionais para tensionar tais formas de dominação.

A seguir, detalhamos o caminho metodológico e a análise, sob o título “Costurando o dia com fios de voz e imagem.”

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS – "COSTURANDO O DIA COM FIOS DE VOZ E IMAGEM"

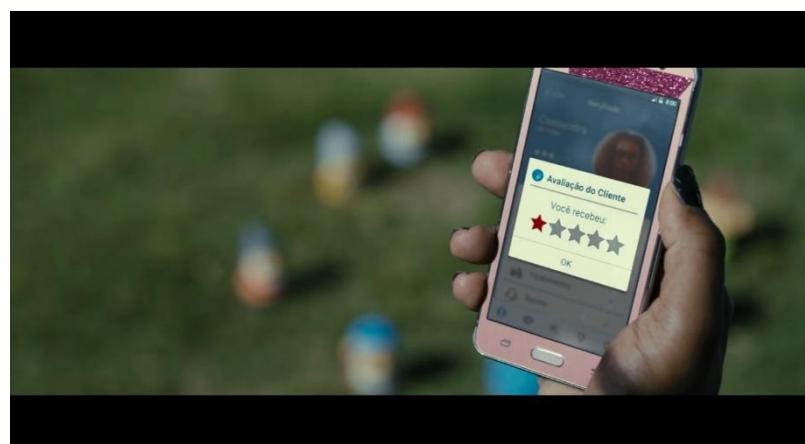
Nesta seção, apresentamos fragmentos das sequências discursivas que compõem nosso *corpus* de análise. Empunhamos agulha e fio como metáfora para tecer reflexões iniciais, prelúdio de um artigo científico mais amplo. Nossas interpretações apoiam-se em noções da Análise Crítica do Discurso e em epistemologias decoloniais, que ressignificam a ciência cartesiana presa ao racionalismo.

Figura 1 – Cassandra indo em direção ao cliente



Frame da série “Manhãs de setembro”
Fonte: Amazon Prime Video, 2021.

Figura 2 – Avaliação ruim no aplicativo – uma estrela



Frame da série “Manhãs de setembro”
Fonte: Amazon Prime Video, 2021.

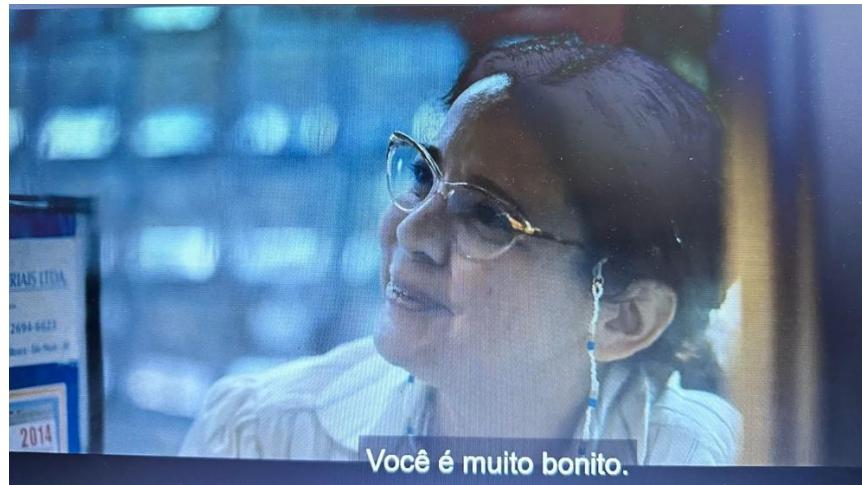
Nas cenas iniciais da narrativa, situadas entre as Figuras 1 e 2, vemos Cassandra ao realizar uma entrega em uma residência. Ao abrir a porta, o homem que a recebe lança-lhe um olhar de cima abixo. Um detalhe que merece atenção é a presença de uma cruz na parede da casa, símbolo que remete à adesão ao pensamento judaico-cristão. A partir desse momento, quando Cassandra interage com o cliente, já se pode perceber que seu corpo passa a ser lido socialmente como desviante (Foucault, 2001).

A construção discursiva operada pelo homem branco e cristão, apontada simbolicamente pela cruz, atribui à personagem uma identidade subalterna, revelada não apenas no olhar, mas também na posterior avaliação no aplicativo. Essa classificação, mediada pela lógica da punição e da vigilância, enquadra o corpo travesti negro como um corpo-monstro, que precisa ser controlado, governado e expurgado do convívio social (Foucault, 2001).

A avaliação com apenas uma estrela, aparentemente neutra, carrega sentidos profundos: ela é atravessada por um olhar moralizante que ancora sua desaprovação no discurso do pecado, excluindo essa corporeidade dos espaços públicos e da mobilidade social. Em outras palavras, a transgressão de gênero encarnada por Cassandra é reduzida à condição de desvio, sendo lida como uma falha moral e individual que exige punição, inscrevendo a experiência travesti no campo da perversão e da condenação (Rêgo, 2021).

Nesse regime de verdade sobre o sexo e a sexualidade (Foucault, 2001), no qual se afirma uma norma ideal a ser obedecida, atos de exclusão, insulto e discriminação tornam-se práticas legitimadas. Tais discursos não apenas reforçam, mas naturalizam a transfobia, operando a estigmatização e a violência simbólica e material sobre identidades dissidentes, uma vez que produz uma discursividade em que o afeto, o desejo e as performances são considerados abjetas, anormais e monstruosas (Foucault, 2001).

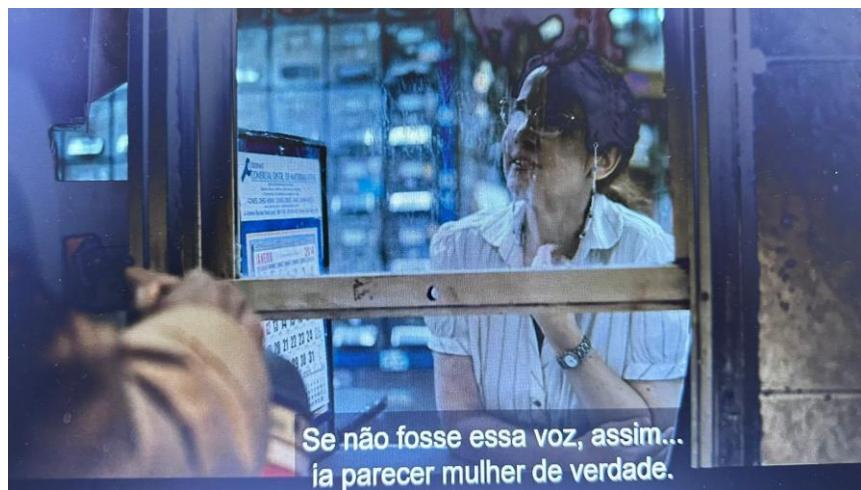
Figura 3 – A atendente elogia Cassandra no genérico masculino



Frame da série “Manhãs de setembro”

Fonte: Amazon Prime Video, 2021.

Figura 4- Cassandra sendo ofendida por causa da sua voz



Frame da série “Manhãs de setembro”

Fonte: Amazon Prime Video, 2021.

Nesta cena, Cassandra retorna para buscar uma encomenda que o senhor Aristides havia esquecido no ônibus. Ao se aproximar do balcão, a atendente Neuza, sob o olhar moldado pelo esquadro normativo, a posiciona em um lugar de controle e padronização. Na Figura 3, é possível observar uma tentativa explícita de invisibilizar seu corpo e sua subjetividade, quando a atendente a enuncia como “bonito”, apagando sua identidade travesti e reinscrevendo-a em um corpo masculino pelo uso do genérico.

Já na Figura 4, o estigma se intensifica: a “voz” de Cassandra torna-se, para Neuza, marcador de desvio. A sonoridade é transformada em critério de aferição da norma biológica, sustentada pelo binarismo homem/mulher. Dessa forma, entendemos que esses discursos colocam Cassandra em uma produção de significados que buscam outras formas e sistemas de



subordinação, cuja vida está construída sob um pano de fundo de caráter naturalizante (Crenshaw, 2002). Os sentidos construídos evidenciam que corpos travestis, ou quaisquer identidades dissidentes, são sistematicamente reduzidos à necessidade de regulação e controle. Há, portanto, uma tentativa de garantir a inteligibilidade de gênero, mantendo alinhados sexo, desejo e prática sexual segundo os padrões hegemônicos (Butler, 2012). Contudo, Cassandra rompe essa expectativa: ela grita, solta a voz e exige respeito. Sua resistência se inscreve nos espaços urbanos, tensionando a norma e problematizando a vida travesti por meio de outras óticas e experiências que emergem na narrativa ficcional.

Além disso, é possível notar que a atendente sustenta, ao longo de toda a interação, um discurso ancorado na validação do “natural”. Termos como “bonito”, “querido” e “mal-educado” tornam-se pistas de uma lógica que insiste em assujeitar corpos e identidades que não performam o gênero autorizado, repetido e legitimado socialmente (Butler, 2012). Ao empregar o genérico masculino, o discurso mobiliza um modo de ação que não apenas constitui sujeitos, mas também revela como eles são posicionados, se relacionam e são reconhecidos no tecido social (Fairclough, 2001).

Nesse entrecruzamento entre práticas sociais e relações interpessoais, emerge o tensionamento dos laços sociais e das fronteiras do reconhecimento: ao excluir, marca-se o limite do que pode ser considerado vida legítima. Afinal, é na e por meio da linguagem que forjamos sentidos sobre quem somos e sobre o que nos é permitido ser. Por meio dos discursos, esculpimos identidades, construímos presença e reivindicamos reconhecimento nos espaços sociais que ocupamos.

Portanto, essas produções discursivas, aparentemente cotidianas, se revelam como práticas de violência simbólica. Elas produzem exclusões e tornam ilegítimas determinadas formas de existir. Nesse caso, o corpo da travesti é constantemente marcado, por traços físicos e signos simbólicos, como portador de uma diferença que transgride à colonialidade de gênero, uma vez que subverte a gramática corporal-afetiva e se mantém sob uma égide patriarcal e heterossexual, cujas relações se consolidam nas formas outras de dominação racial e econômica da vida (Lugones, 2008). Portanto, esses discursos, produzem estigmas e reforçam os sinais da diferença colonial (Engelmann, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS – QUANDO SETEMBRO ANUNCIA A PRIMAVERA...

Neste momento, reivindicamos uma pausa, necessária para amadurecermos nas estações da vida que se nos apresenta. Ao empreendermos as primeiras análises nesta conversa inicial,

compreendemos que ainda há muito a ser feito em relação aos corpos e corpas que circulam pelos espaços sociais.

Ao nos debruçarmos sobre a vivência da mulher travesti negra em contextos urbanos e periféricos, bem como sobre os mecanismos de marginalização e as estratégias de resistência que emergem dessas experiências na série ficcional “Manhãs de Setembro”, depreendemos que, mesmo diante de discursos normativos, transfóbicos e subalternizantes, a personagem Cassandra se inscreve como sujeito de (r)existência. Sua trajetória denuncia as violências simbólicas que tentam apagá-la, mas também afirma o direito de ocupar e reinventar os espaços sociais. A série, portanto, configura-se como uma arena de disputa por visibilidade, pertencimento e dignidade para corpos dissidentes. Ela reivindica o direito de florescer enquanto sujeito de sua própria existência. Exige respeito, mesmo quando tentam essencializar sua condição e reduzir a complexidade de sua vivência transvestigênero.

Cassandra nos convoca a refletir sobre as delicadezas e feridas que atravessam o cotidiano. Por meio de sua experiência na cidade e dos múltiplos atravessamentos identitários que carrega, ela nos instiga a questionar os modelos, a hegemonia e os binarismos impostos. Ainda que haja uma produção discursiva de negação do modelo patriarcal de família – heteronormativa, monogâmica, composta por um homem, uma mulher e os filhos –, a *motogirl* ressignifica a exclusão que marca sua trajetória, transformando em potência as violências vividas por corpos dissidentes, que em algum momento são atravessados por experiências de dor e silenciamento.

Não temos, aqui, a pretensão de esgotar o tema. Ao contrário: lançamos um convite para que outros, outras e outras pesquisadores se inscrevam em uma postura decolonial de (r)existência, que tenham coragem para tensionar a colonialidade do saber-poder.

Que as nossas vozes possam florescer em todas as manhãs do ano e que, um dia, não precisemos mais nos esconder entre muros e armários, lugares nos quais fomos colocados, entre o dentro e o fora. É preciso coragem para amar em tempos de desamor. Lutar contra a indiferença é querer falar, querer gritar, querer existir...

Nas Manhãs de todos os dias, os rastros de luz margeiam e acendem esperanças...

Palavras-chaves: Discurso, Transgeneridade, Dissidência, Representatividade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero-Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Guilherme Paiva de. O feminismo decolonial de María Lugones: colonialidade, gênero e interseccionalidade. **Revista TOMO**, São Cristóvão, v. 42, e17757, 2023. Dossiê: Teorias Críticas Decoloniais. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v42i>.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

ENGELMANN, Larissa. **Identidades, resistências e transepistemologias**: uma autoetnografia de vivências travestis negras na Universidade Federal de Goiás. 2025. 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. v. 1, 14. ed. São Paulo: Graal, 2001.

LUGONES, Maria. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, [s.l.], v. 9, p. 73-101, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discursos de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. p. 107-130.

RÉGO, Yordanna Lara Pereira. “**Combinamos de não morrer**”: transfobia, racismo e resistência à necropolítica entre pessoas trans negras em Goiás. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SILVA, Mariah Rafaela. Orbitando telas: Tecnopolíticas de segurança, o paradigma *smart* e o vigilantismo de gênero em tempos de acumulação de dados. **Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos**, [s.l.], n. 31, p. 201-212, 2021.